

REPRESENTAÇÕES DE UM BRASIL EXPATRIADO: SUBALTERNIDADE NOS DISCURSOS DE MIGRANTES NA INTERNET

Rafael Rodrigues da Costa - UFC

Resumo: Este trabalho pretende analisar a recorrência de traços da chamada subalternidade nos discursos compartilhados por meio da internet entre migrantes brasileiros. Busca, dessa forma, revelar processos de identificação e construção simbólica atribuíveis a uma significativa parcela da população, apartada do ambiente pátrio. Pretendemos lançar mão dos postulados teóricos formulados no âmbito dos chamados estudos pós-coloniais, vertente dos Estudos Culturais que analisa a dinâmica cultural dos chamados subalternos. Baseamos nossas considerações em autores como Del Roio (2007), Pryshton (2006) e Bhabha (1998), entre outros, aplicando-os a um corpus composto de excertos de *sites* e comunidades virtuais mantidas e/ou freqüentadas por brasileiros expatriados, na medida em que servem como ferramenta de visibilização das demandas e ocorrências daqueles grupos. É possível notar esforços, editoriais ou demonstrados por comentaristas e freqüentadores, no sentido de dotar o brasileiro que se encontra longe do país de um maior sentimento de pertença a uma comunidade, identificada com valores vinculados a uma suposta “brasilidade”, ainda que se possam encontrar interstícios que apontam para cenários de hibridismo cultural.

Palavras-chave: Subalternidade; comunidade; migrações

Considerações iniciais

Será que somos mais ou menos brasileiros, a depender de determinadas situações? Em tempos de Copa do Mundo, de Jogos Olímpicos, ou em outras ocasiões em que nos vemos impelidos a afirmar uma a idéia de coletividade pátria - caso dessas competições desportivas - esse índice de “brasilidade”, ou pura e simplesmente ufanismo, para alguns, se maximiza, às vezes até o limite da histeria coletiva. Tal tipo de construto simbólico é internalizado como um traço cultural compartilhado, para além da representação de nação calcada apenas numa relevância política. “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2006, p.49)

Os eventos acima mencionados são realizados com o objetivo de colocar em disputa a elite esportiva de nações diversas. Porém servem, ainda, para colocar à prova os brios cívicos das nações participantes. E no Brasil, não raro prevalece a mentalidade rodrigueana do complexo de vira-latas¹ - Brasil como sinônimo de emotividade desprovida de razão, em que a derrota é esperada e a vitória parece valer menos do que realmente deveria. Seria

essa uma sina verdadeiramente brasileira? Assim como também seriam traços distintivos do brasileiro a inclinação ao hedonismo ou a maleabilidade de suas crenças - expressas nos sincretismos religiosos? Busca-se mensurar - de Sérgio Buarque de Holanda a Lila Schwarcz - se a maior ou menor intensidade de tais variáveis podem ser tidas como definidoras de uma essência brasileira.

Este artigo parte de tal problematização, evidentemente não esgotada do ponto de vista acadêmico, para tentar avaliar como alguns desses pretensos índices de pertença a uma nação constam dos relatos e das imagens de brasileiros residentes em países estrangeiros. Como corpus, excertos de *sites*, comunidades de redes de relacionamento e *blogs* mantidos por imigrantes brasileiros na internet.

Esses aportes discursivos e imagéticos são acomodados a uma moldura teórica advinda dos Estudos Culturais, com ênfase na corrente de inspiração pós-colonial, em especial a que se ocupa dos estudos da subalternidade. Tais referenciais servem a esse trabalho no sentido de que ajudam a detectar pontos de negociação nas expressões

culturais de imigrantes, face aos nativos, assim como buscam dar conta da complexidade contida nos processos identitários aqui verificados.

A dialética do encontro em terra estrangeira

Cerca de um milhão de pessoas, a maioria delas ilegais perante o ordenamento legal. É essa a cifra aproximada de brasileiros que vivem nos Estados Unidos, segundo levantamentos de organizações não-governamentais sediadas nos EUA². Muitas delas - cerca de 300 a 400 mil - se instalaram naquele país depois de 1990, depois de um levante migratório ocorrido na chamada era Collor³. Se fosse possível delinear um perfil para o imigrante brasileiro que chega aos EUA, ele é o de alguém que pretende voltar para a terra natal e que não se sente totalmente confortável com o *status* de imigrante, que por si só traria conotações pejorativas⁴.

Diferentemente de outros tempos, os processos migratórios, de uma maneira geral, deixaram de contar com o estímulo dos governantes, que em alguns casos emblemáticos patrocinaram esse trânsito (são exemplos a escravização dos africanos e o fluxo de europeus para as fazendas de café paulistas, na virada do século XIX para o XX). Hoje, mais cabível é pensar nas motivações de grupos menores, em busca de oportunidades de ganhos e/ou aquisição de conhecimentos específicos, ambulando por conta própria. Como ocorre desde o início da presença humana na Terra, o nomadismo não deixou de existir - apenas adequou-se a um contexto marcado pela supremacia institucional e pelos códigos dela emanados.

O imigrante, como bem se pode depreender das medidas a ele direcionadas pelos governos de diversos países, tomou a forma desse corpo estranho - e muitas vezes indesejado - na chamada era da globalização. Ele pode ser, a um tempo, a causa do desemprego crescente, o nicho de bolsões de pobreza e a causa do inchaço dos sistemas de previdência. O território do simbólico não permanece imune a essa conturbada inserção das populações migrantes. No campo das idéias, são forjadas verdadeiras redes de resistência por meio de manifestações tão diversas quanto o audiovisual ou a literatura. Num contexto de inevitáveis trocas - impulsionadas pela facilidade da difusão de informações e produtos culturais - a dinâmica de setores como a indústria cultural sofre mutações significativas.

Nos EUA, identifica-se um caso emblemático: o dos imigrantes latinos que já representam do total da população daquele país. Trazendo consigo uma bagagem cultural variada e diferenciada, essas populações passaram a reclamar, paulatinamente, a atenção de setores como a indústria musical.

Foi em resposta a isso que premiações como o Grammy - considerada a mais importante do setor fonográfico norte-americano - foram desmembradas em duas versões: hoje, além da gala que premia dezenas de artistas do país, há a versão latina do prêmio, voltada especificamente a ritmos de sucesso nos países da América Latina e artistas de língua espanhola e portuguesa.

A ocupação gradual de regiões do sul dos Estados Unidos por populações de origem hispânica - e em menor escala, por grupos oriundos de outros países, como o Brasil - redefiniu o mapa da maior nação do mundo. Não de uma maneira literal, mas no que se refere ao peso que o ideário desses povos passou a ter na constituição da idéia de nação (ou das idéias de nação) associadas ao país.

Em nome da soberania, o papel dos governos passa a ser o de gerir - e por que não dizer, de conter - as levadas de migrantes que buscam destinos certos: as nações mais prósperas, ilhas de riqueza em meio às incertezas de economias marcadas pela vulnerabilidade. Um papel diplomaticamente complexo e logisticamente cada vez mais difícil, diga-se. A estabilidade da vida social e cultural e as relações de poder foram irreversivelmente modificadas pela compressão espaço-temporal imposta pelo que acostumamos a chamar de pós-modernidade (HARVEY, 1999).

A idéia de um mundo globalizado, livre de fronteiras, graças às tecnologias da informação/comunicação) e também aos chamados sistemas peritos (GIDDENS, 1991) está devidamente consolidada tanto no senso comum (basta observar algumas emissões midiáticas sobre, por exemplo, as oscilações do mercado financeiro mundial) quanto nos meios acadêmicos, desde que McLuhan popularizou a imagem de um mundo integrado pela tecnologia e igualado por ela.

Para Barbalho (2008), a globalização é essencialmente um processo desterritorializante, atrelado a reordenamentos sócio-culturais que se fazem acompanhar de processos de realocação de referências - o que o autor chama de localização. Os processos antagônicos - ou complementares, a depender do ponto de vista - encontram um laboratório fértil no cotidiano das comunidades de

imigrantes. Aqui, o interesse recai sobre os brasileiros que vivem nos EUA, por representarem uma das maiores comunidades dessa natureza no mundo, e por ocuparem o país que, ao mesmo tempo, é o mais relevante no mapa geopolítico atual, além de manter algumas das políticas migratórias mais severas registradas no mundo.

Assujeitados a essa lógica por vezes perversa, os brasileiros que aceitaram o desafio de viver nos Estados Unidos deixam, por vezes, posições prestigiosas no país de origem para abraçar subempregos. Em minoria quantitativa e desfavorecidos economicamente em relação aos nativos, os brasileiros emergem como comunidade em situação de subalternidade. O conceito, conforme assinala Prysthon (2006), incide sobre as práticas produzidas em contextos de exclusão sócio-econômica e em que sobressaem contrastes.

O termo subalterno surgiu no âmbito das teorias de inspiração marxista - via Antonio Gramsci - como uma versão amenizada do termo "proletário", dominante até meados dos anos 50 do século XX. Porém, hoje, serve de alicerce teórico a muitas reflexões engendradas pelos chamados estudos pós-coloniais, notadamente no que toca às tensões e intercâmbios entre as manifestações culturais oriundas do *centro* - aqui entendido como uma instância hegemônica - e aquelas consagradas pela *periferia*.

Nesse terreno de reflexão, passa-se a não mais admitir nomenclaturas como a de *terceiro-mundista*, comuns até algum tempo atrás. Os numerais ordinais cedem lugar à pura e simples problematização das *diferenças*, das *singularidades*, como propulsoras do diálogo entre culturas.

A inserção desfavorável e traumática dos brasileiros na cadeia produtiva norte-americana é registrada nos ambientes virtuais freqüentados pelos migrantes "brazucas". Em passagem pretensamente noticiosa do site <http://www.brasileirosnosestadosunidos.com/> (não há identificação de autor, o que poderia indicar um artigo opinativo), admite-se claramente que, uma vez nos EUA, grande parte dos brasileiros é capaz apenas de se colocar como mão-de-obra para trabalhos braçais.

Apesar da maioria dos imigrantes brasileiros conseguirem emprego dentro de três semanas de sua chegada ao solo Americano (*sic*), o tipo de trabalho que fazem é em muitos casos trabalho manual que não paga muito. O salário típico do imigrante brasileiro é de cerca de \$1.000

a \$2.000 por mês.

Os entraves legais que caracterizam a política de admissão de estrangeiros nos EUA, já mencionados, representam outro fator de assimetria. Em entrevista feita pelo site <http://www.brasileirosnosestadosunidos.com/>, uma brasileira identificada como Maria da Silva fala dos motivos pelos quais pretendia retornar ao Brasil com a maior brevidade possível:

Primeiro, né, por causa da minha situação, a de ter ficado aqui muitos anos indocumentada, pode causar um problema se eu quiser voltar pela porta da frente. E segundo, porque estou morrendo de saudade de filhos, sobrinhos e netos.

Aos que ficam, contudo, cabe um lugar potencialmente novo no mapa das culturas que se encontram. Nesse local, não se é totalmente brasileiro ou americano, mas sim um pouco de ambos, e eventualmente de outros. Contextos como o da presença de imigrantes em territórios estrangeiros oferecem condições para o estabelecimento dessas interseções, denominadas pelo indiano Homi Bhabha de entre-lugares. O entre-lugar, ou *in-between*, conforme concebe o autor indiano, consiste num momento ou processo produzido no âmbito dos encontros entre culturas distintas. Representa um degrau de superação de uma visão estanque da cultura:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20)

A articulação da diferença, nos termos defendidos por Bhabha, acaba por salientar as assimetrias entre os grupos que se encontram em processos de negociação cultural. A negociação passa a existir porque, de fato, algum dos pólos é reconhecido ou identificado com o diferente ou mesmo com algum tipo de ameaça à soberania ou autonomia de um grupo que se encontra em dominância. Aceitação e rejeição se resvalam, em vias de mão dupla.

No *blog* da brasileira Adriana Picoral (<http://adrianapicoral.blogspot.com/>), residente em Salt

Lake City, estado de Utah, as boas-vindas são dadas não por um adágio ou saudação brasileira. É um trecho de letra de música da cantora e compositora canadense Feist⁵, em inglês, que surge como um índice dessa existência demarcada por duas matrizes identitárias: a estrangeira, já incorporada aos registros desse diário virtual mantido por Adriana; e a original, brasileira, expressa nas postagens cujo acesso se dá em dois níveis: o da compreensão da língua portuguesa (não utilizada somente nos títulos das postagens) e o da pertença a um grupo mais específico - o de pessoas próximas à autora, a quem certamente se dirigem alguns dos textos publicados.

Um relato aparentemente rotineiro, no mesmo *blog*, coloca em relevo a complexidade das relações de aceitação/estranhamento surgidas nesse espaço de encontros. A autora, ao relatar a convivência com um grupo de coreanos a quem conheceu, relatou mais tarde:

As ultimas (*sic*) semanas que tenho convivido mais de perto com Coreanos (*sic*) me fizeram reavaliar minha posição sobre choque cultural. (...) Eles foram preparados para as diferenças culturais, mas o problema é que eles esperam algo tão diferente que não conseguem ver o óbvio. (...) É estranho conhecer uma cultura que acredita que melancia é vegetal, mulheres ficam grávidas (*sic*) por 11 meses, e que ventiladores podem te matar no teu sono. Não estou dizendo que eles são ignorantes, eles só têm uma visão diferente de mundo. O problema começa quando eles acreditam que a visão deles é a única possível. Pensar "outside the box" (*fora da caixa, tradução nossa*) para eles é algo impossível, e até anti-patriótico.

O trecho citado ajuda a compreender como os discursos gerados nos entre-lugares não comportam simplificações como a aceitação pura e simples das diferenças. Em que pese a condição semelhante à dos coreanos - de imigrante nos EUA - a autora admite o estranhamento causado por determinados costumes ostentados pelo grupo e chega a vislumbrar como "problema" a percepção de mundo demonstrada por eles. Tensões como essa moldam experiências distintas daquelas experimentadas por brasileiros que permaneceram em seus locais de origem.

Folguedos *fake*: Brazilian Day e lavagem da Rua 46

"Durante os 24 anos de existência do Brazilian Day, nossa meta tem sido a de juntar pessoas e celebrar com música, dança, comida e muito orgulho

de ser brasileiro." Dessa forma o site institucional do evento *Brazilian Day*⁶, realizado anualmente em Nova Iorque, sintetiza os objetivos da efeméride, pelas palavras do presidente do evento. Subjacente a eles, está o "orgulho de ser brasileiro", força motriz da celebração que, como se verá, é uma justaposição de diversos fragmentos projetando uma idéia miniaturizada de Brasil.

Junto ao movimento de globalização, como ressaltado, existe o movimento de localização, concebido por Barbalho como a valorização dos locais originais de pertença. Esse processo, em situações de imigração, é facilitado pelo distanciamento da terra natal e na crença na uniformidade desse sentimento de pertença por parte dos patricios em situação semelhante. Uma *comunidade* desterritorializada se forma ao redor do evento. A permanência desse agrupamento depois dos festejos é incerta, mas, ao longo da festa, esse senso comunal é continuamente ressaltado. "Hoje podemos dizer que temos conseguido juntar os amigos e vizinhos de todas as partes de Nova York, bem como de outros cantos do mundo para festejar nossa cultura", registra o presidente do *Brazilian Day*, João de Matos.

A brasilidade aparece como atributo diferencial. Sentimentos tidos como comuns a todos os povos são ressignificados de forma a adquirirem uma essência unicamente brasileira. "Além de música alegre e dançante, você terá a oportunidade de encontrar com muitos outros brasileiros, trocar experiências e registrar sua felicidade verde-amarela", diz outra passagem do texto de João de Matos.

O evento investe numa *mise-en-scène* carnavalesca, algo derivada, ainda, dos carnavais fora de época realizados em diversas cidades brasileiras. Ao mesmo tempo em que reforça o exotismo desse brasileiro que se apega aos totens icônicos pelos quais o país se notabiliza historicamente (a mulata, o confete, a passista), a festa se ressignifica pela inevitável injeção de um pouco do que a terra do Tio Sam tem a oferecer. Uma nova identidade de carnaval - longe do Brasil e em outra época - se estabelece num contexto relacional. A negociação aparece permanentemente. A começar pelo nome, que cede espaço à língua corrente do país em que acontece o evento. Assim como pela inexistência de restrições de acesso à festa, que assim acolhe pessoas de outras nacionalidades eventualmente interessadas em tomar parte nos festejos.

Em tom semelhante de registro, um outro evento ajudou a introduzir, este ano, os folguedos do *Brazilian Day*. Em plena rua 46, em Nova Iorque, aconteceu no último mês de agosto a Lavagem da Rua 46, cuja divulgação foi feita por meio de *site* específico⁷. Mais uma vez, a remissão aos locais de pertença faz-se notar. A “Lavagem” nada mais é que uma reencenação da lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bomfim na Bahia. Novamente, a escolha é por uma celebração totêmica, amplamente reconhecível por meio de ícones/clichês: a baiana, o caso de flores, a música típica.

A internet é pensada, diante dos exemplos apresentados, como um veículo que amplifica discursos do grupo migrante, tornando possível seu reconhecimento dentro de uma percepção de alteridade (SANTOS, 2005), à qual possivelmente se segue o estabelecimento de um estigma. As ferramentas por meio das quais os imigrantes podem se expressar contribuem para integrar indivíduos com alguma semelhança, ao mesmo tempo em que permitem “filtrar” os “diferentes”, aqueles que não devem ter acesso a determinados códigos culturais ou comportamentais. Reitera-se, assim, a dinâmica, forjada relacionalmente, em que as diferenças se friccionam: entram em contato, mas podem deixar seqüelas.

Na virtualidade, a comunidade migrante adquire uma voz audível diante dos escassos meios de participação disponíveis a essa categoria de pessoas. O profissionalismo de muitas dessas manifestações parece indicar o empenho com que muitos dos brasileiros querem ser ouvidos.

Uma breve tipologia das ferramentas

Foi possível encontrar, durante a realização da pesquisa para o presente artigo, algumas modalidades de recursos comunicativos por meio dos quais os brasileiros residentes nos Estados Unidos expressam as subjetividades do entre-lugar anteriormente referido. AS mais relevantes seguem brevemente descritas a seguir.

Comunidades

As comunidades do *site* de relacionamentos Orkut (<http://www.orkut.com>) acentuam a busca pelo estabelecimento de uma agência de sociabilidade comum. Há vagas de emprego e classificados. Os recursos disponibilizados pelo *site* de relacionamentos permitem a criação de espaços dialógicos. As respostas às mensagens postadas em tópicos de discussão e *scraps* configuram tais espaços. Os usuários podem fornecer dados e

imagens em grau superior ao de outras ferramentas, o que denota um maior espaço potencial para o estabelecimento de intercâmbios, sobretudo entre brasileiros, reconhecidamente os maiores freqüentadores desse endereço.

Sites

Os *sites* produzem, grosso modo, um registro mais comedido. Recorrem a recursos usuais em portais jornalísticos. O discurso também se propõe jornalístico, com utilização de linguagem noticiosa e apresentação de notícias nos moldes de portais do segmento. As notícias dizem respeito, em alguma medida, a interesses do brasileiro residente nos EUA. O foco recai na prestação de serviço.

Blogs

O *blog* seria, potencialmente, o lugar onde se pode ser *plenamente* brasileiro. Como visto, no entanto, o espaço do “diário virtual” pode apresentar fragmentos do repertório simbólico norte-americano. São caracterizados pelos aspectos experiencial e impressionista dos relatos, em tom narrativo.

Considerações finais

O presente trabalho buscou adequar o arcabouço teórico legado por setores dos Estudos Culturais - em especial as noções de subalternidade, entre-lugar e hibridismo - aos discursos compartilhados por meio da internet entre migrantes brasileiros.

A moldura conceitual da subalternidade ajudou a situar grupos de brasileiros em situação economicamente desfavorável e legalmente passível de questionamento, no caso dos imigrantes ilegais.

Verificou-se a recorrência de estratégias de localização, vinculadas ao apego a determinados índices de pertença à nação brasileira. Os processos identificatórios dessa natureza lançam mão de referenciais tradicionais da cultura nacional, de forma a produzir efeitos de sentido que, em nossa opinião, podem ser compartilhados por brasileiros, mas também atender a demandas de determinados segmentos nativos - que eventualmente demonstram interesse em aspectos presumidamente exóticos da cultura nacional.

Em ambientes como o *blog*, são possíveis leituras marcadas pela hibridização dos discursos. Foi possível perceber a constante negociação de referenciais ocorrida nos entre-lugares em que se situou tal tipo de manifestação.

Por fim, apresentamos sucintamente algumas potencialidades de ferramentas por meio das quais é possível, a um imigrante brasileiro, tornar-se visível perante os demais.

Referências

BARBALHO, Alexandre. Emigrantes / Imigrantes: Trânsitos de cultura entre o sertão cearense e as metrópoles brasileiras. Em: **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 11, p. 1-12, 2008.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a Emancipação do Subalterno. Em: **Revista de Sociologia e Política nº 29**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005, p. 63-78.

FILHO, Paulo C. Cunha. Imagem, Alteridade e Autonomia Subalterna. Em: **Anais do XV Encontro da Compôs**. Bauru: Unesp, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Loyola, 1999.

MEZAN, Renato. Vira-latas compensatórios. Em: **Folha de S. Paulo**. São Paulo: 31 de agosto de 2008. Caderno Mais. P. 10.

PRYSTHON, Ângela. Entre as hipérboles freaks e as fantasias hegemônicas: representando a subalternidade no audiovisual nordestino. In: João Freire Filho; Paulo Vaz. (Org.). **Construções do tempo e do outro. Representações e discursos midiáticos sobre a alteridade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, v. 1, p. 85-100.

SANTOS, Hermílio. Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada. **Revista Famecos nº 26**. Porto Alegre: FAMECOS, 2005, p. 41-46.

(Notas)

¹ Para uma discussão acerca da suposta incapacidade do brasileiro em triunfar em momentos decisivos, um ponto de partida atual é o artigo “Vira-latas compensatórios”, do psicanalista e professor universitário Renato Mezan, publicado no caderno “Mais”, do jornal Folha de S. Paulo, em 31 de agosto de 2008.

² ONG Brazil Information Center (BIC).

³ Nesse momento da história brasileira, a recessão econômica estimulou não apenas mudanças para os EUA, mas para outras partes do mundo - como bem ilustra o filme Terra Estrangeira, de Walter Salles e Daniela Thomas.

⁴ BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS. “A Comunidade Brasileira nos Estados Unidos”. Em: <http://www.brasileirosnosestadosunidos.com/a-comunidade-brasileira-nos-estados-unidos/>. Acesso em 20 ago. 2008.

⁵ A canção mencionada é “Mushaboom”, de autoria da artista.

⁶ <http://www.brazilianday.com>

⁷ <http://www.lavagemdarua46ny.com>